



DAS EXPERIÊNCIAS DE UM ESTÁGIO: IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Luis de Almeida Morais Gomes¹

Resumo: O Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II foi realizado em uma escola municipal de Fortaleza/CE, em turmas de sexto, sétimo, oitavo e nono anos, todas do turno da manhã. Foram realizadas observações tanto da escola quanto das aulas, além de regências em todas as séries citadas. Foram observados aspectos das relações interpessoais entre o professor supervisor e seus alunos, concluindo que estas são importantíssimas no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Prática docente. Relação professor-aluno. Dinâmica educacional.

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado, como disciplina obrigatória, se mostra como uma oportunidade de tentar colocar em prática aquilo que se aprende teoricamente no curso de formação inicial. Ao longo do presente resumo expandido, será mostrada a visão de um aluno de graduação em seu segundo estágio, comparando-o com o primeiro estágio supervisionado, ambos no ensino fundamental da educação básica.

De acordo com a resolução nº 4441/2019 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), o estágio do tipo obrigatório é necessário para a formação inicial docente. No curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará do campus Itaperi, há 4 estágios obrigatórios, dois nos anos finais do ensino fundamental e dois no ensino médio.

Os estágios realizados pelo autor ocorreram nos anos finais do ensino fundamental, em turmas de sexto, sétimo, oitavo e nono anos de uma escola municipal de Fortaleza/CE, ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2024. Foram ministradas aulas de Ciências da Natureza, envolvendo conteúdos normalmente associados aos componentes curriculares Física (geração de energia elétrica, astronomia, força e máquinas simples) e Biologia (sistema nervoso).

2. ASPECTOS GERAIS SOBRE A ESCOLA

¹ Estudante de graduação em Ciências Biológicas, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, luisinho.almeida@aluno.uece.br

Por questões de sigilo, o nome, a localização e imagens do ambiente aberto da escola serão ocultados. É uma escola municipal bem estruturada, todas as salas ambientadas, com janelas grandes e boa iluminação, cada sala de aula possui cadeiras e mesas novas, confortáveis para alunos de todas as idades e tamanhos e as lousas são de um tamanho confortável para que o professor escreva muito e os alunos consigam enxergar dos assentos mais distantes.

O ambiente externo é fresco, possui árvores e um pátio aberto e centralizado. Há uma quadra grande que permite praticar mais de um esporte, os alunos dos anos iniciais e dos anos finais do ensino fundamental frequentam ambientes separados e há um grande bebedouro de alvenaria. O pátio conta ainda com algumas mesas nas quais os alunos podem sentar para socializar e comer a comida fornecida pela escola, que é servida em uma janela no pátio que se conecta com a cozinha.

3. RELAÇÕES PROFESSOR E ALUNO

As relações entre o professor supervisor e os alunos são conturbadas, pois o supervisor costuma ser ríspido e pratica frequentemente atos de humilhação com os discentes, afirmando que estes “não querem nada com a vida” e que “não se esforçam pra nada”. Os comentários supracitados chegam a ser proferidos antes mesmo da aula começar, enquanto os alunos estão se organizando em suas cadeiras, muitas vezes na primeira aula do dia, começando a manhã “com o pé esquerdo”.

Analisar a relação entre um professor e seus alunos é importante pois essas relações interpessoais podem interferir no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que a afetividade é um influenciador direto no desempenho de alunos em desenvolvimento (Belo; Oliveira; Silva, 2021). Em seguida, haverá comparação entre os supervisores e os alunos dos primeiro e segundo estágios vivenciados pelo estagiário em formação.

Ambos os supervisores buscavam atingir a obediência da turma com atos intimidadores, como bater na mesa e gritar arrogantemente, comportamento descrito como uma expressão de poder (Andrade, 2012). Os dois costumam reproduzir comportamentos ineficazes, como o aborrecimento, a falta de elogios e a impaciência (Andrade, 2012).

Foi possível observar que, da mesma forma como ambos os professores se portavam da mesma forma, suas turmas também apresentavam semelhanças. Os alunos de ambos os professores não costumavam prestar atenção nas aulas, já que o conteúdo era mero plano de fundo para o descontentamento do docente. O desinteresse dos alunos era visível pelo fato de que alguns dormiam, buscavam conversar sobre diversos assuntos com os colegas, ou interagem com objetos que os chamassem mais a atenção.

Para Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia* (1996), apenas através do respeito mútuo entre docente e discentes, o professor será capaz de contribuir com seu ensino para a vida de seus alunos. Logo, caso falte o respeito entre as partes, o processo de ensino-aprendizagem é prejudicado.

O ambiente escolar deixou de ser um ambiente apenas de transmissão de conteúdos, pois tem-se evidenciado cada vez mais que as relações interpessoais construídas transpassam a aprendizagem conteudista (Belo; Oliveira; Silva, 2021), assim sendo, é imprescindível que a relação entre o professor e seus alunos seja agradável.

Em um ambiente escolar onde professor e alunos mantêm uma relação mutuamente respeitosa e agradável, existe a tendência de que os casos de indisciplina e de evasões escolares reduzam (Pereira; Ribeiro, 2017). Pelos professores supervisores dos estágios supervisionados vividos pelo autor não alimentarem relações respeitadas e agradáveis, foi possível observar que a indisciplina era elevada em suas turmas.

4. SOBRE O SUPERVISOR DO SEGUNDO ESTÁGIO

O professor supervisor do segundo estágio supervisionado apresentava ainda mais distância dos alunos. O professor do primeiro estágio chegava a conhecer seus alunos e manter o mínimo de relação fora da sala de aula, embora dentro de sala possuísse os referidos comportamentos ineficazes.

Já o professor supervisor do segundo estágio costumava chamar seus alunos pelos números da chamada e reclamava quando um aluno buscava contribuir com a aula através do relato de alguma vivência própria, o que vai contra o que a ideia de que os alunos constroem grande parte do conhecimento que movimenta uma sala de aula (Belo; Oliveira; Silva, 2021).

Em um dado momento, o supervisor me atribuiu a função de corretor das atividades de classe, que compõem as notas dos alunos. Ao longo da correção da primeira atividade que pude corrigir, o supervisor me disse no particular “eles fingem que fizeram e tu finge que corrige”, informando que não deveria corrigir a atividade com seriedade, e independentemente das respostas erradas, bastava dar o visto que o aluno que entregasse a atividade receberia o ponto do dia, sem devolutiva ou orientação de que corrigisse.

Embora não alimentasse uma boa relação com seus alunos, o professor costuma ser muito organizado nos seus afazeres. Ele comprou o próprio projetor, leva seu notebook e monta seus slides. Sabe utilizar com maestria programas geradores de planilhas de variadas empresas, utilizando equações geradoras de notas e organizando planilhas separadas por turmas, contendo frequência e notas dos alunos, além dos conteúdos abordados em cada dia de suas aulas.

5. SOBRE MINHAS REGÊNCIAS

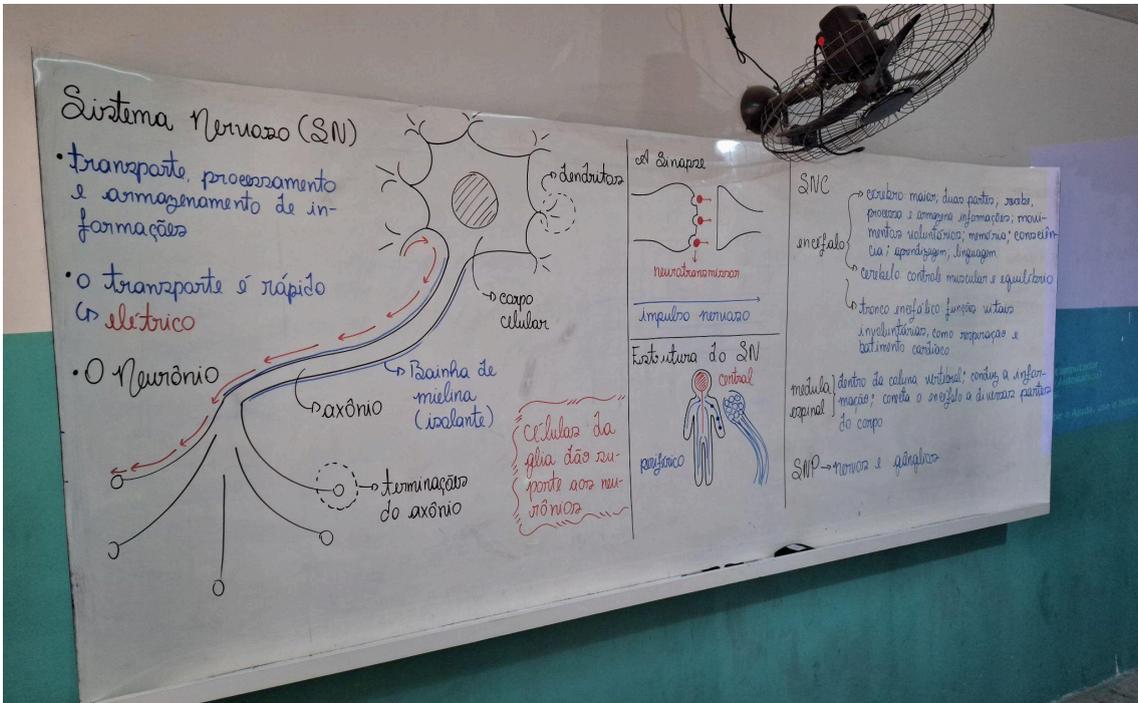
A mim foram designadas aulas em todas as turmas disponíveis para o exercício do estágio supervisionado, do sexto ao nono anos. Os conteúdos ministrados foram geração de energia elétrica, força, máquinas simples, planetas rochosos, vida fora do planeta Terra e sistema nervoso.

Minhas regências foram baseadas nas afirmações de que os alunos constroem boa parte do conhecimento de uma aula em ministração (Belo; Oliveira; Silva, 2021) e de que o respeito mútuo tende a reduzir a indisciplina (Pereira; Ribeiro, 2017). Desta forma, tive um retorno muito positivo de cada turma, pois os alunos que não prestavam atenção, agora interagem com a aula, e as turmas que não costumavam abrir seus cadernos nas aulas de ciências, agora copiavam as lousas montadas pelo professor estagiário.

Todas as minhas aulas foram ministradas utilizando marcadores para quadro melamínico branco e a própria lousa, para montar esquemas e ilustrar a aula através de desenhos (Figuras 1, 2 e 3). Os alunos, ao fim das aulas entregavam as atividades, e

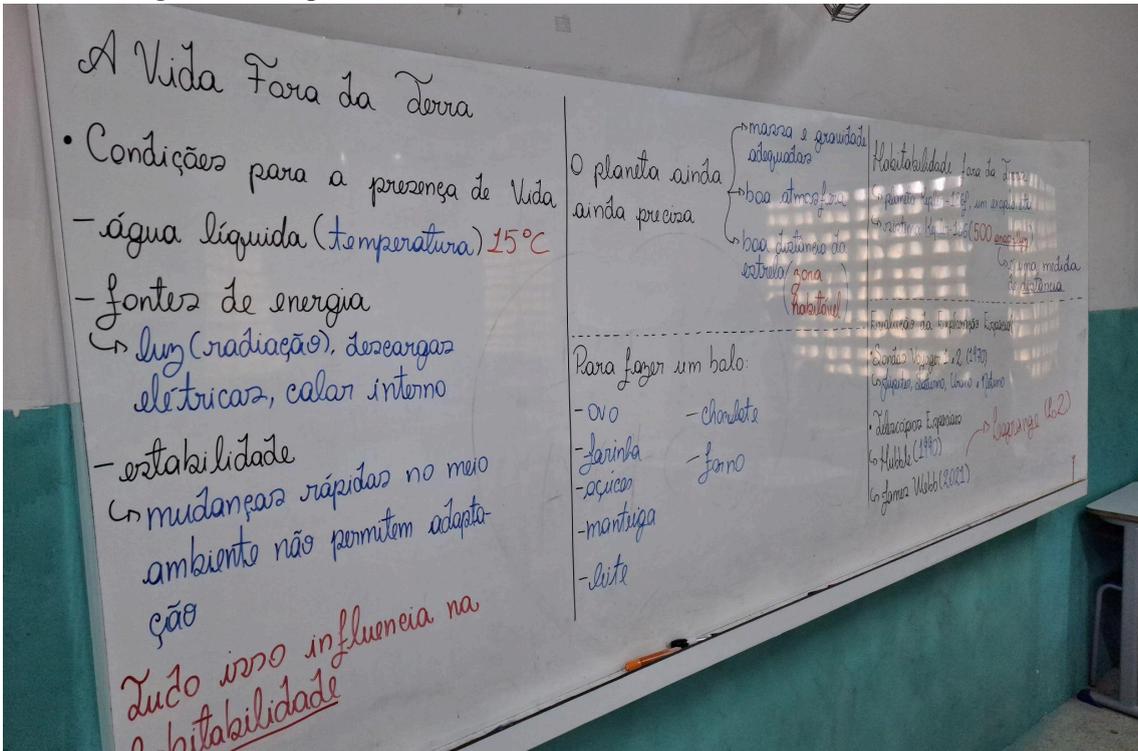
neste momento foi possível observar que, não apenas as questões da atividade foram respondidas, mas também que os esquemas da lousa, incluindo os desenhos foram copiados, pois os alunos fizeram questão de copiar e mostrar que copiaram, embora eu tenha dito que não era obrigatório.

Figura 1 – Esquema montado em lousa na aula de sistema nervoso.



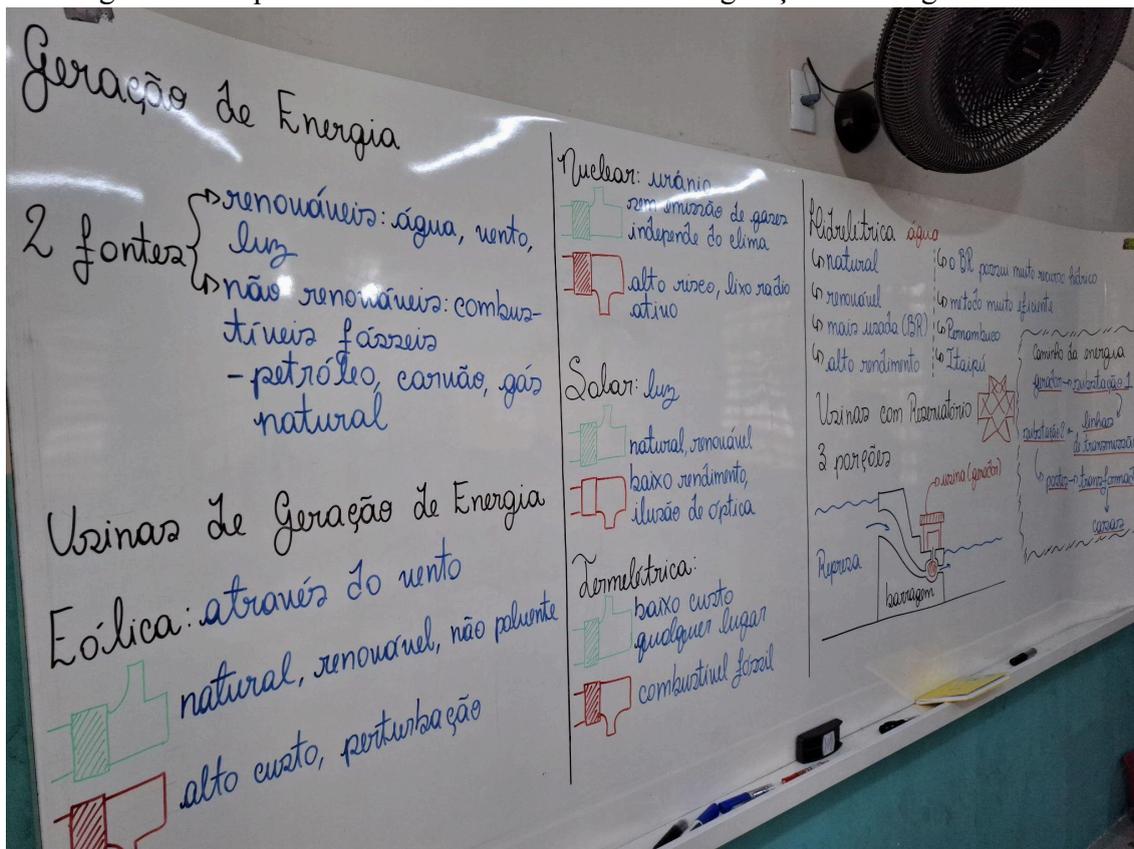
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 2 – Esquema montado em lousa na aula de vida fora da Terra.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Figura 3 – Esquema montado em lousa na aula de geração de energia elétrica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Um comportamento comum dos alunos, era o de, ao fim das minhas aulas, eles perguntarem se eu seria o novo professor, fato este que ocorreu, inclusive, na frente do supervisor. Ao fim das aulas, imagino que por ser uma pessoa nova, os alunos interagiram muito comigo, fazendo perguntas acerca dos conteúdos de Ciências da Natureza e sobre minha formação.

Alguns alunos do nono ano, ao saberem que meu próximo estágio seria no ensino médio, chegaram a perguntar em qual escola eu iria, alegando querer ter mais aulas comigo no ano seguinte.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre tenho a impressão de que muitos profissionais estão descontentes com o exercício de suas profissões e deixam isto falar mais alto durante o trabalho. O atual supervisor do meu estágio parecia se dedicar muito antes dos anos letivos, para que tivesse menos trabalho no futuro, mas ao entrar em sala de aula para nutrir relações interpessoais, se mantinha distante dos alunos, que por mais que ele alegasse, não eram bagunceiros como nos relatos.

Dar aula sempre foi um sonho, não apenas pela passagem do conhecimento, mas também pela necessidade própria de se relacionar com outras pessoas. Fico feliz que pude concluir que em uma sala de aula as relações interpessoais formam um dos principais fatores que auxilia no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. G. F. C. **Relação professor-aluno: a comunicação na sala de aula: factores que influenciam a comunicação na sala de aula.** 2012.

BELO, P. A. P.; OLIVEIRA, R. M.; SILVA, R. C. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**-Rev. Pemo, v. 3, n. 2, p. e323880-e323880, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica.** São Paulo: Paz e Terra, p. 165, 1996.

PEREIRA, A.; RIBEIRO, C. S. A culpabilidade pelo fracasso escolar e a interface com os “problemas de aprendizagem” em discurso. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 2, n.2, p. 95-110, 2017.

UECE. Secretaria dos Órgãos de Deliberação Coletiva. **Resolução N°: 4441/2019 de 5 de agosto de 2019.**